

TERRA E GENTE DO BRASIL

Como um dos mais idôneos órgãos da Imprensa Brasileira — o "Jornal do Brasil" — se referiu à Escola de Educação Física do Exército, depois que nos honrou com sua inesquecível visita

Onde o Rio nasceu — A Escola de Educação Física do Exército — Crianças alegres e sadias — Anões e gigantes — À procura do método brasileiro — Um movimento contra a confusão e os seus benéficos resultados — Campanha nacionalista — Raça brasileira.

Num dia distante, há quatrocentos anos, um bando de homens fortes saltou na praia que se acolhia sob a generosa proteção daquele morro, depois Pão de Açúcar.

Estacio de Sá saltou em 1555. Assentou o seu acampamento militar e dali partiu, derrotados os franceses, para fundar a sua cidade, a cidade de São Sebastião do Rio de Janeiro.

Lá está, erguido por mãos patrióticas, o marco inicial dessa gloriosa caminhada. Mas si as ondas do mar respeitassem os interesses da história, aquelas pègadas ainda estariam vivas, integras, eternas, na areia muito branca, muito fina e muito alegre...

Na terra virgem, foi aquele trecho o primeiro que escutou os brados de entusiasmo dos que chegavam. E — Deus sabe — nunca mais os esqueceu...

Na antiguidade, guardavam-se as cidades entre muralhas. Principalmente, separavam-se umas das outras. Uma muralha, ainda hoje, é um divisor de águas. O mundo de um lado dificilmente se comunica com o mundo do outro lado. Por isso mesmo, são poucos os paizanos que chegaram à Escola de Educação Física do Exército. Fica lá, no Forte de São João...

E, no entanto, quanta coisa há para se ver ali, inédita para o carioca, desconhecida para a maioria esmagadora dos brasileiros!

Segunda-feira. Dia sonolento, de sol preguiçoso. Oito horas da manhã. A sentinela abre-nos os portões. Lá em baixo, o estádio. E o ginásio.

O ginásio é um imprevisto: amplo, moderno, completo. Há instalações para vários desportos: Basket, Volley, Tennis, Ataque e defesa, Jiu-Jitsu, Esgrima, Salto em distância, Salto em altura, Salto com vara. As salas de aula são claras, magníficas. Os professores distribuem as suas lições, depois de proferidas, em pequenos folhetos. Da secretaria, desapareceram os livros pesados, de folhas sebosas. Fichas. Cursos para civis e militares. Para oficiais e sargentos. De medicina especializada e de massagistas desportivos. De instrutores e de monitores. E para crianças...

Logo o visitante se impressiona com a ordem que há em todas as coisas. Nada existe que se pareça com uma repartição pública, com protocolos e papeladas. A burocracia não escalou os muros da fortaleza. Ficou, lá de fora, revoltada. Com o seu despeito, ganhou a Escola, felizmente.

Vários estádios e ginásios se vêm construindo em diversos municípios brasileiros, sob a inspiração daquele modelar estabelecimento. O seu Departamento Técnico tem fornecido e continua fornecendo a todos os interessados, rigorosamente gratuitas, plantas para a construção daqueles melhoramentos, de acôrdo com as mais recentes prescrições da arquitetura e dos desportos.

— Aquele é o primeiro gráu!

O Coronel Raul Vasconcelos fôra apreciar soldados construindo trincheiras. Era o Capitão Santa Rosa quem nos esclarecia.

A criançada, de quatro, de cinco, de seis anos, brincava. E que paciência, a do monitor! Ora era o brinquedo do pato, e todos, fingindo o palmípede, caminhavam, imitando-lhes o grasnar, contentes, felizes. Ora o gigante. E aqueles toquinhos de gente, banhados em alegria, erguiam-se e andavam nas pontinhas dos pés. Agora, o anão. E a garotada, fazendo-se menor, prosseguia em seu divertimento, e em seu exercício.

Era aquele o primeiro quadro. Primeiro porque fere, como uma nota de grata emoção, os que vão à Escola.

O segundo grupo disputa uma partida de futebol. São meninos mais velhos. Driblam, passam, avançam, recuam, chutam. O monitor acompanha o exercício. Marca o tempo. Nada de excessos. E os futuros astros da pelota têm ali o seu primeiro ensaio...

O Tenente Jair aponta-nos adiante. São outros garotos, de outros quadros, correndo pela pista larga, bem cuidada.

O sol já se levantou. Saiu um pouco tarde da cama, preguiçosamente. E ilumina, inteiro, o estádio magnífico.

Que possuíamos, de educação física, antes que a Escola se converteu em difusora das vantagens e da necessidade de cultivá-la, em todos os quartéis, em todos os colégios, em todos os meios?

Éramos um país em que fazíamos, mas o que fazíamos, nesse setor, era sem métodos, sem rumos, sem saber porque. Não tínhamos uniformidade. Vivíamos em uma confusão lamentável, de efeitos prejudiciais. A Escola veio resolver êsse problema, tomou a si êsse movimento unificador. Foi como uma peneira, joeirando aquilo que nos servia e aquilo que nos era prejudicial. Aceitou, julgando mais acorde com nossas tendências, as lições dos mestres franceses. Mas não

as adotou, não como ponto de partida. Com o tempo, modificou-as, paulatinamente, cuidadosamente. Cada reforma custou-lhe várias experiências. Cada inovação representa anos de observações e de estudos.

Irradia-se dali para todo o Brasil uma diretriz nova, sadia, vigorosa. De diversos Estados, chegam alunos, oficiais e sargentos das Polícias Militares. Inscrevem-se nos diferentes cursos e dali saem, tocados por uma centelha nova de entusiasmo, para fundarem, em suas terras escolas similares, sob a inspiração benemérita daquela que freqüentam.

*
* * *

Deixamos, lá no departamento médico, novas crianças sendo examinadas, antes de serem divididas pelos diferentes quadros. E percorremos, já agora, as esplêndidas instalações do estádio, onde oficiais e sargentos se entregam a vários desportos.

Não desordenadamente. Os instrutores estão atentos, dirigindo, corrigindo tudo. O Tenente Milton Nogueira explica aos seus alunos os saltos em altura, entre dois sarrafos. Exibe-se, com rara habilidade. O fotógrafo colhe-o em pleno "vôo"...

*
* * *

Agora, é no mar. Porque na praia há um "rugby" verde-amarelo. Lá, nas águas serenas da Guanabara vaidosa, a rapaziada pula, mergulha, nada, aposta corridas. As "yoles" partem, ligeiras, subindo e descendo ondas, tangidas pelos braços fortes das guarnições treinadas.

*
* * *

Raça brasileira.

Belo título. Mas porque não a perseguimos, até alcançá-la?

Porque não vamos preparando as gerações que despontam, guiando-lhes, da primeira infância, os passos, criando-as, de cedo, sob os banhos dos raios solares, animando-as à prática de todos os desportos, desde que praticados com método, sem exageros e sem atropelos?

Porque não arrancarmos dos quartos fechados e das salas sombrias, para gozar os benefícios do ar puro e dos movimentos livres, tantas criancinhas que se enfezam e malhumoram, desde os oito e dez anos, para o resto da vida adiante?

Sejamos todos apologistas do sol. Aproveitemos sua presença, quasi contínua nos céus brasileiros, para espancar de dentro de nossas almas essa doença daninha do pessimismo, da descrença, do desespero. Somos um país grande que reclama um povo grande. Forte. Sadio. Capaz de vencer as ingratidões da natureza e as incertezas do clima.

Não devemos, não queremos ser uma terra que anda à procura de seu habitante, como Euclides escreveu da Amazônia. Preparemos, pois, a nossa raça.

Essa conclamação que paira em todos os ouvidos, empolga todos os corações, reúne todos os entusiasmos, à hora em que deixamos a fortaleza.

Lá, no espaço, o sol. "O sol de nossa terra, o sol de nossa vida..."

*
* * *

Nos mastros da Escola, nem uma bandeira.

Raríssimas vezes, entretanto, se tem trabalhado tanto, como ali, pela raça e pela grandeza do Brasil.